

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

### Métodos quantitativos em Sociologia

Boudon, Raymond. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves Flores. Editora Vozes Ltda., Rio de Janeiro, 1971.

Raymond Boudon, seguidor da linha teórica de Paul Lazarsfeld, dedica a maior parte deste volume ao estudo dos métodos quantitativos em sociologia e, rapidamente, oferece, no último capítulo, uma dose que poderíamos chamar de introdutória e conceitual a respeito dos métodos qualitativos, em sua utilização, seus inconvenientes.

Inicialmente, como apresentação do campo de atividades da pesquisa e análise sociológicas, Boudon utiliza uma estrutura de classificação, como outras arbitrária, dos principais níveis de trabalho, numa tentativa coerente de sistematizar os critérios e enfoques da pesquisa sociológica. Sem aprofundar-se de maneira exaustiva neste conteúdo inicial e de menor relevância do volume, o autor efetua uma autocritica a esta estrutura, expondo as dificuldades provenientes da não-existência de uma teoria geral da sociologia e de a história da sociologia, partindo de sua gênese — por sinal discutidíssima — não estar erigida, por enquanto, sobre bases sólidas e aceitas universalmente.<sup>1</sup>

Dado o conteúdo do livro basear-se exclusivamente em métodos sociológicos, Boudon prossegue a exposição analisando três fatores condicionantes, segundo ele, de equívocos metodológicos. Ou seja, que:

a) a compreensão, por se estabelecer como função direta do relacionamento entre sujeito e objeto científico, constitui-se em um método es-

<sup>1</sup> Ver, Merton, Robert K. *Estrutura e teoria sociológica*. cap. 1 e 2. Para uma visão divergente, ver, Lukás, George. *El asalto a la razón*. p. 471-73.

pecífico da sociologia; b) os traços específicos do humano, ou seja, sua capacidade de formular projetos, cálculos, prever situações e ter desejos, impõem à sociologia um método conseqüente; c) a necessidade de interpretar as relações recíprocas dos diversos setores da sociedade para que seja coerente qualquer análise de um destes setores — querela da totalidade.

No primeiro caso podemos acentuar a discordância de outros autores, como por exemplo Max Weber, quanto ao fato da existência do método da compreensão.<sup>2</sup>

De outra forma, a respeito da discussão de a sociedade estar constituída ou não de elementos interdependentes e a devida compreensão destes elementos prescindir de visão global da sociedade, torna-se aqui indispensável que se chame atenção para o fato de os enfoques estruturalista e funcional-estruturalista dirigem-se em sentido oposto, ou seja, afirmando que, para que seja efetuada uma verdadeira aproximação científica, somente tratando-se a sociedade como um todo, em função de seus traços determinantes, é que podemos inferir conclusões relevantes sobre as áreas que a compõem.

O autor continua, no capítulo 2, conceituando e analisando as diversas características que definem os métodos das pesquisas quantitativas. Observa especificamente a seqüência de procedimentos que o observador não pode prescindir para alcançar níveis de inferência metodologicamente estruturados. Assim sendo, coloca a formulação de hipótese em primeiro plano e a define pelo método da compreensão ou, em casos mais complexos, pela *pré-enquête*. Apesar disso, vale então questionar a posição do autor quando cita o método da compreensão, o que é razoável e óbvio, como uma das maneiras de formulação de hipóteses, já que, de certo modo, afirma que a compreensão não caracteriza um método específico, mas passos intermediários, elementares, que a pesquisa reivindica frequentemente ao cientista. Cremos que a formulação de hipóteses não se situa em nível tão elementar, na medida em que alicerça a continuidade de um desenvolvimento teórico ou empírico.

A construção do plano de observação segue como etapa lógica e conseqüente. Define, segundo Boudon, em três subetapas, quais sejam: 1. Análise dos dados necessários a fim de obter informações tão precisas quanto o possível e o confronto dos dados produzidos com aqueles fornecidos pela contabilidade social, os quais normalmente produzem restrições às conclusões finais de qualquer pesquisa que os utilize, embora na maioria das vezes sejam importantes e imprescindíveis; 2. Caracterização dos tipos de *enquêtes* à disposição, tendo em vista o objetivo que se tenciona tratar. Nesta medida Boudon apresenta as sondagens atômicas, as contextuais, as instantâneas e as por painel. Em seguida discute, rapidamente, as situações mais propícias à utilização de cada uma, além de observar o problema do custo operacional, e 3. Apesar da restrição auto-imposta pelo autor ao tratar do assunto vasto de forma tão sintetizada,

<sup>2</sup> Ver, Freund, Julien. *A sociologia de Max Weber*. Paris 1966. cap. 3, p. 76-81.

a argumentação que coloca para a devida escolha da “população-mãe”, terceira subetapa da construção do plano de observação, não fica a dever nem mesmo àqueles que enfocaram o problema de maneira exaustiva. Situa a imposição da escolha no caso das *enquêtes* descritivas e a existência de alternativas quando a explicativa é solicitada.

A terceira etapa consiste na construção das variáveis. No sentido de dar apoio conceitual à sua exposição, transfere para a mesma as proposições de Lazarsfeld referentes ao problema da passagem dos conceitos aos índices: a conceituação, focalizando os elementos principais que possibilitem a dinâmica interna do objeto; a operacionalização destes elementos sob a forma de indicadores e a aglutinação dos mesmos para a construção dos índices.<sup>3</sup>

Dando continuidade a esta etapa, Boudon discute a intermutabilidade dos índices como condição necessária para que se alcance a validade desejada numa *enquête*. Observa alguns exemplos, entre os quais o próprio Lazarsfeld, e conclui que “apesar de as classificações obtidas por índices diferentes poderem ser muito diferentes, a estrutura das relações entre uma variável medida por índices e outras variáveis pode ser a mesma.” (Página 56)

A quarta e última etapa é definida por Boudon como a da análise das relações entre as variáveis. De início acentua que, para a segurança dos efeitos a serem alcançados, uma das condições básicas que deve ser atentamente observada é que nem sempre correlações estatísticas entre duas variáveis implicam casualidade entre elas. Em *Le suicide*, de Durkheim, encontra um bom exemplo, do qual conclui que, geralmente, esta relação estatística só pode ser considerada causalidade se sob a ação de uma ou mais variáveis-teste e da análise do modelo de causação proveniente. Desta forma, acentua a conceituação da análise multivariada, ou seja, segundo Lazarsfeld, as inferências tornam-se muito mais ricas e concretas quando é utilizada uma variável suplementar na estrutura causal de duas ou mais variáveis. A relação primitiva torna-se mais consubstanciada, tanto no sentido de incrementar a determinação existente, como de desvendar possíveis metáforas matemáticas. Boudon continua expondo a lógica interna da análise multivariada, quando o modelo de causação formado por, digamos, três variáveis, suscita outras intermediárias. Nesta linha conclui que o plano de análise pode-se estender além das expectativas do observador, formando-se assim um complexo de inter-relações que não permite análise lógica. Isto é, o sistema de causação hipotético delineado transcende o campo da análise intuitiva, dificultando assim as conclusões objetivas do pesquisador. Daí a necessidade dos métodos matemáticos na análise das *enquêtes*, na medida em que propiciam uma redução do nível de arbitrariedade se comparados a outros que se fundamentam essencialmente na lógica aplicada.

<sup>3</sup> Ver, Lazarsfeld, Paul, *Le vocabulaire des sciences sociales e L'analyse empirique de la causalité*. Paris, Mouton, 1965 e 1956, citado na bibliografia sumária do próprio livro.

Assim, no penúltimo capítulo Boudon seleciona as escalas de Guttman e a análise das classes latentes de Lazarsfeld, sendo que somente detalha este último modelo matemático visando oferecer soluções mais consistentes para os problemas da construção de índices e análise multivariada.

Segundo o autor, o primeiro aspecto que cabe solucionar para a utilização dos métodos matemáticos é a definição da "validade do indicador", ao que Boudon não oferece contribuições além do já concebido nível idealista, e por isso mesmo sem vantagens específicas.

Boudon, então, analisa o modelo de Lazarsfeld como um dos vários métodos propostos para resolver a questão da construção dos índices. A seguir propõe-se a estudar as contribuições dos modelos aplicados à análise das relações entre variáveis.

Para este capítulo cumpre-nos salientar que o autor busca o entendimento do leitor na citação de situações pesquisadas, sem contudo apresentar a lógica interna dos modelos, principalmente quando adequados à análise de relação entre variáveis.<sup>4</sup>

O quarto e último capítulo é dedicado aos métodos qualitativos. Parte do pressuposto de que existe uma fronteira entre os métodos quantitativos e qualitativos. Não nos cabe aqui discutir esta proposição. Todavia, vale acrescentar que, de acordo com o exposto, é plausível a aceitação de um método abrangente que corresponderia à fusão do quantitativo e do qualitativo, capaz inclusive de fornecer maiores subsídios para inferências mais concretas e esclarecedoras.

Boudon observa, tomando Durkheim em *Le suicide* como exemplo, as características essenciais dos objetos a serem pesquisados para que se efetue a escolha do método mais apropriado. Para os quantitativos deve ocorrer, basicamente, a comparabilidade qualitativa das unidades de análise, mesmo que ocorram algumas diferenças secundárias. Estaria afirmando a eficácia destes métodos para o estudo de universos similares, mantendo-se as diversas singularidades respectivas. Todavia, o autor acrescenta a duvidosa eficiência dos métodos quantitativos quando o universo considerado tende à globalidade, na medida em que as variáveis relacionadas para compreensão podem não comportar, devidamente, as causas e efeitos do processo ou fato que se pretende analisar, limitando assim, sobremaneira, o campo de inferências, ou deturpando o problema pesquisado.

Boudon afirma neste capítulo a existência de obstáculos formais que impossibilitam, no momento, a estruturação dos métodos qualitativos, já que não admitem processos específicos, mas orientações gerais, sobre as quais faz uma rápida análise.

Sua apresentação dirige-se, como já dissemos, ao limite entre os métodos quantitativos e qualitativos. Define assim a impossibilidade do emprego daquele quando o objeto científico representa um fenômeno único e não aspectos comparáveis.

<sup>4</sup> Ver, Blalock, Hubert M. & Blalock, Ann. *Methodology in serial research*. New York, McGraw-Hill, 1968.

O autor subentende em seu estudo que, nas ciências sociais, certo tipo de unidades de análise tornam-se refratárias aos métodos quantitativos dada a não-operacionalização de seus fenômenos determinantes (o exemplo do universo examinado tendendo a abranger um número exagerado de processos e dinâmicas). Nestes dois casos colocam-se os aparatos da análise qualitativa com o objetivo de resolver a questão pendente.

Todavia, ainda que aqueles pesquisadores, usuários dos estudos quantitativos, não desejem, ou simplesmente neguem por meio de simulações inóspitas, os métodos qualitativos têm participação nas *enquêtes* quantitativas, ainda que somente na parte inicial, de conceituação e formulação de hipóteses.

RICARDO KOHN DE MACEDO

### **Estrutura das decisões humanas**

MILLER, David W. & Starr, Martin K. Trad. Paulo C. Goldschmidt e Antônio Fernando Cornélio. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1970.

O livro *Estrutura das decisões humanas* pretende ser um manual para todos os que, de alguma forma, se envolvem com o processo de tomar decisões.

A obra está dividida em duas partes. A primeira, composta de três capítulos, é dedicada ao estudo das organizações e do papel das decisões nas mesmas, e a segunda, composta de quatro capítulos, trata da teoria das decisões.

Na primeira parte são analisados vários assuntos:

Primeiro, analisa-se a evolução da administração que, de simples atividade, passou a constituir uma ciência. Foram identificados elementos e padrões universais que integram a ciência da administração de hoje. A decisão é um deles.

A seguir, considerava-se o aparecimento de um novo modelo de organização, agora entendida como rede de comunicações. A estrutura organizacional, vista como ciclo de eventos dirigidos para atingir determinados objetivos, é condicionada por decisões. Passa-se da análise da organização, cujo ponto crucial era execução, para outro tipo de estudo, onde se dá ênfase à decisão. Conceitos como os de *input*, *output*, processamento e *feedback* são imprescindíveis para o correto entendimento do que seja a organização, de acordo com a teoria dos sistemas gerais.

Outro aspecto analisado é o da importância dos custos de oportunidade, como condicionamentos da decisão. Esta, nas organizações, é discutida a partir dos conflitos existentes entre os objetivos individuais e organizacionais e entre multiplicidade destes últimos e a racionalidade limitada que envolve as decisões.

Na parte referente à teoria das decisões, é esta vista dentro da orientação mais moderna, baseada em verdades matemáticas simples. A pesquisa operacional, a cibernética e outros tantos métodos lógicos e sistemáticos são elementos que possibilitam a elaboração de modelos que nos facultam perceber a presença de problemas e as possíveis maneiras de resolvê-los.

Nos capítulos 4 e 5, os autores preocupam-se, mais acentuadamente, com a mensuração de objetivos e de variáveis inerentes ao processo administrativo. Veremos que nem todos os fenômenos administrativos são de fácil quantificação. Alguns, como "relações no trabalho", só são mensuráveis indiretamente.

No penúltimo capítulo do livro — 6 — Teoria aplicada das decisões, ênfase especial é dada à pesquisa operacional. Afirmam os autores: "A definição que este livro adota é que pesquisa operacional é teoria de decisão aplicada. A pesquisa operacional requer o uso de meios científicos, matemáticos ou lógicos para estruturar e resolver os problemas de decisão".

O fecho do livro é dado pelo capítulo Quanto vale a pena resolver um problema?, que trata da definição de problemas, dos modos pelos quais se chega à identificação dos mesmos e de quanto custa resolvê-los.

A proposição dos autores é que cibernética e pesquisa operacional não são instrumentos da ciência da administração, e sim da teoria da decisão. É por meio da teoria da decisão que estes instrumentos integram-se à ciência da administração. A decisão está presente em todas as atividades humanas, embora nem sempre de forma explícita. Esta teoria toma corpo à medida que novos recursos da pesquisa operacional e da cibernética são postos a sua disposição.

A análise, desenvolvida no livro *Estrutura das decisões humanas*, parece-nos bastante válida e útil para o administrador. Anteriormente, estudava-se a resolução de problemas de pesquisa operacional e, depois, procurava-se enquadrar as situações reais nos modelos preexistentes. Agora, o que se busca é desenvolver no administrador a capacidade genérica de decidir sob quaisquer circunstâncias. Encarando o livro sob este prisma, é passível dizer que atinge seus objetivos, pois permite ao leitor desenvolver a sua capacidade de equacionar problemas. Sua leitura é fácil, de vez que a apresentação dos conceitos é feita gradualmente. Os exemplos apresentados dão margem a que o leitor possa pôr em prática, imediatamente, alguns dos conhecimentos adquiridos.

O livro é recomendado para todos os que desempenham funções executivas, independentemente da área específica em que atuam e do conhecimento sistemático que tenham sobre administração. É útil também, para os que, possuindo conhecimentos de administração, pesquisa operacional e cibernética, desejem tomar contato com esta nova abordagem da teoria das decisões.

MARIA DA GRAÇA NEVES MACHADO BENTO

## Planejamento central (Central planning)

TINBERGEN, Jan. Trad. Ewerton Dias de Andrade. São Paulo, Editora Atlas.

Um dos fatores que mais pesa na valorização de um livro técnico é a sistematização do assunto apresentado, mormente quando se trata de tema fértil à discussão e de natureza profundamente interdisciplinar.

Nesta obra, o professor Tinbergen objetiva descrever o processo de planejamento central, analisar seu impacto sobre o processo econômico geral e indicar, dentro das limitações existentes, sua extensão e técnicas ótimas.

Consegue-o, de forma clara e objetiva, graças ao seu profundo conhecimento e capacidade de sistematização do assunto, em 115 páginas, das quais 40 contêm tabelas. Tal *performance* já deixa bem, de início, com o atribulado estudante brasileiro, notoriamente avesso aos grossos volumes e afeito, historicamente, às apostilhas.

O primeiro dos objetivos da obra é alcançado mediante descrição e exame do planejamento econômico central, tomado como qualquer outro elemento do processo econômico. Para tanto, tem seus produtos e fatores definidos, seus métodos de produção expostos, bem como estudadas as possibilidades do aumento de sua eficiência.

Neste sentido, preocupa-se Jan Tinbergen em explicitar para o leitor a terminologia adotada no livro, analisando descritivamente os elementos característicos do processo de planejamento central, quais sejam: atores, tarefas, atividades envolvidas, procedimentos, prazos, métodos e organização; discutindo ainda as alternativas existentes para cada um deles, o que o autor compara “à escolha de tecnologia num processo de produção”.

Em conclusão à descrição do processo de planejamento, o primeiro capítulo apresenta interessante estudo, baseado em averiguações do Instituto de Economia, da Holanda, nas quais buscou-se uma comparação internacional dos processos de planejamento, pela verificação das alternativas adotadas para cada um dos elementos do planejamento citados.

A análise do impacto do planejamento sobre o processo econômico geral é levada a cabo nos segundo e terceiro capítulos. Dirige-se no sentido de estimar sua contribuição efetiva ao bem-estar, buscando “avaliar sua utilidade, se houver, sob circunstâncias variáveis”. A ótica neste contexto, portanto, é a da eficácia do planejamento.

Para efeito de comparação de uma política planejada com aquela que mantém as rédeas do processo econômico afinadas com as livres forças do mercado, Tinbergen procura caracterizar os principais aspectos da primeira: sua preocupação com os desenvolvimentos futuros da economia, expressa em estimativas e previsões, e a importância destas para o processo decisório, “a formulação explícita dos objetivos mais gerais da política” e a importância da ação coordenada.

Apresenta ainda, como conclusão a tal comparação, três interessantes casos do planejamento holandês, os quais consistem numa prova empírica da oportunidade do planejamento econômico. Um dos casos, referente a determinado aumento de produtividade, recomendado por consultores americanos, demonstra a conveniência de análises que busquem identificar os efeitos indiretos de medidas econômicas propostas. Promovidas pela agência do país aconselhado, tais análises permitem a localização de disfunções macroeconômicas de possível ocorrência, provocando adaptações ou reduções nas medidas propostas por atores externos ou internos, ou mesmo a sua não-aceitação, recomendada pela agência.

No terceiro capítulo, o autor procura dimensionar a necessidade do planejamento central em função das circunstâncias e diferenças estruturais de cada país, à luz das três características principais da política econômica planejada citadas. Analisa ainda, em contrapartida à necessidade, as possibilidades efetivas de incrementação do processo, frente às diversas limitações existentes, entre as quais, por exemplo, cita a competência técnica.

Tal preocupação com os aspectos cambiantes de cada realidade nacional, frente à adoção do planejamento em maior ou menor grau, o que implica expansão ou retração do papel desempenhado pelo Estado no contexto socioeconômico, é discussão em que os aspectos políticos e filosóficos tomam corpo. Tinbergen procura mostrar de forma um tanto superficial esta problemática, deixando explícito no entanto que "a tensão entre objetivos e as tendências da livre produção será sentida com maior intensidade, quanto mais forte for o anseio por desenvolvimento".

Esta afirmativa pressupõe necessidades e aspirações conscientizadas, bem como iniciativa para realizações no sentido de objetivos identificados. Esta situação permite, de certa forma, ações racionais que causem tensão ao sistema sem levá-lo à ruptura. Mas este não é o caso de muitos países subdesenvolvidos, cujo atraso é tão grande que o sentimento mais generalizado é o do "desespero pelo subdesenvolvimento", o que implica diferentes condutas políticas e sociais.

A realidade latino-americana, asiática e africana é rica em casos de oportunismo político de governantes e alienação de grandes massas ainda imersas na miséria, tudo isso sobre o balanço do jogo de influências e interesses políticos e econômicos do quebra-cabeça internacional.

Sendo, portanto, o planejamento um instrumento, possível ou não de aplicação, de acordo com as circunstâncias, e possível de gradação, ainda em função das mesmas ele tomará a configuração, a princípio, do regime a que servir. No dizer de Tinbergen, "o melhor modo de planejar a política econômica, até certo ponto, dependerá do regime".

Passa a esboçar então, no quarto capítulo, o que seria o planejamento ótimo em função de um regime dado como ótimo.

Na busca de tal regime, a questão que se coloca é: que instituições deverão compô-lo e quais suas tarefas?



As limitações do método usado pela economia do bem-estar ao procurar responder a questão são levantadas por Tinbergen, que conclui enfatizando a importância dos mecanismos de redistribuição da renda e o papel de agente indutor do Estado no processo de um desenvolvimento justo.

Em função do regime, discute então quais atividades devem ser planejadas, que decisões cabem mais ao governo, que métodos utilizar e que procedimentos adotar.

*Planejamento central* é, sem dúvida, um livro que deve ser lido por quantos se interessam pela problemática do desenvolvimento e, mais especificamente, pelo processo de planejamento.

BIANOR SCELZA CAVALCANTI

Você acredita em reformas administrativas? Ou você acha que há reformas e reformas?

Em **Laboratório de Sensibilidade** de Fela Moscovici, editado pela Fundação Getúlio Vargas, o problema é analisado exaustivamente. As reformas, segundo a autora, não passam de novos arranjos de estruturas e relações, enquanto o laboratório de sensibilidade, amplamente testado nos Estados Unidos, opera dinâmica e profunda mudança na administração.

## **Informação é Investimento**

O empresário bem informado tem maiores oportunidades de aumentar a rentabilidade de seus negócios.

Mantenha-se bem informado sem ônus de pesquisas demoradas e custosas. A Fundação Getulio Vargas poupa-lhe esse trabalho publicando em seus periódicos estudos de especialistas consagrados e bem informados. Evite as soluções precipitadas. O planejamento é vital na continuidade de seus negócios. Os subsídios para as suas decisões são encontrados em **Conjuntura Econômica** e **Revista de Administração de Empresas**, da Fundação Getulio Vargas. Economistas, pesquisadores, estudiosos e técnicos em administração oferecem nessas publicações informações atualizadas.

E todo esse complexo de trabalho fica à sua disposição, mediante uma simples assinatura.

Pedidos para Fundação Getulio Vargas — Serviço de Publicações — Praia de Botafogo, 188 — C.P. 21.120 —  
— ZC-05 — Rio de Janeiro, GB.